

Clube de Leitura nas Escolas (CLE)

O que é um clube de leitura?

Um clube de leitura consiste num grupo de pessoas que se encontra e conversa sobre livros.

Os clubes de leitura têm uma longa tradição no universo anglosaxónico onde grupos de mulheres começaram a encontrar-se para conversar sobre as suas leituras. O mais interessante na história desta tradição é que não nasceu de nenhum grupo intelectual privilegiado nem como proposta de qualquer órgão de poder cultural ou de educação. Mais, à época estas mulheres supostamente partilhariam opiniões, memórias e emoções a partir de narrativas ou poemas que não seriam considerados obras primas da literatura. Um clube de leitura é então um espaço de liberdade e sociabilização em que uma leitura serve de mote para conversar. Há sempre um mediador que levanta questões, lança ideias e gere os diálogos. É mais comum que o mediador seja alguém especializado (escritor, professor, bibliotecário, jornalista...) mas pode acontecer ser alguém do grupo ou haver uma mediação rotativa. Os clubes de leitura podem funcionar com todos os públicos, desde o infantil ao sénior, terem uma periodicidade mais longa ou curta de acordo com a disponibilidade dos seus membros e uma duração variável. Não é conveniente, porém, que os grupos de longa duração não tenham pausas. Idealmente um clube de leitura não deve ultrapassar os 10 meses, mesmo que retome depois de dois meses de pausa para um novo ciclo de dez meses. As reuniões podem ter lugar em qualquer espaço, desde que este seja confortável para a reunião. Pode acontecer na biblioteca municipal, na biblioteca escolar, numa associação cultural, num teatro, numa livraria, até num parque. O grupo não deve ter mais do que 20 pessoas inscritas nem menos que 10 para evitar sessões com poucos participantes e pouca dinâmica no diálogo. Cada sessão deve ter uma duração aproximada entre 90 e 120 minutos, não mais.

A escolha das leituras depende do modelo do clube e das características de cada grupo.

Tipos de clubes de leitura

Há vários tipos de clubes de leitura.

1. O mais frequente é que todos os participantes leiam o mesmo livro.

Há clubes que se dedicam à leitura de um único título ao longo de várias sessões e outros em que se lê um livro diferente entre cada encontro. Há clubes que têm temas prévios como autores clássicos, policiais, poesia, narrativas com protagonistas femininas, contos, romances históricos, autores portugueses contemporâneos... Outros regem-se por um conjunto diversificado de escolhas. Estas podem ser feitas previamente pelo equipamento promotor do clube ou pelo mediador ou podem ser decididas pelo grupo no primeiro encontro. Há vantagens e desvantagens nas duas possibilidades e isso depende do público a que se destina. Do ponto de vista da divulgação pode ser apelativo para os leitores conhecerem previamente os livros que vão ler. Essa informação condicionará a sua adesão ao clube. Motivará uns e afastará outros. Neste caso, imaginando que o clube se destina a adultos e é promovido por uma Biblioteca Municipal, a biblioteca tem informação privilegiada sobre os hábitos dos seus leitores e poderá escolher estrategicamente os títulos. Noutro cenário, o de um clube de leitura para adolescentes numa biblioteca escolar ou municipal fará sentido perceber quantos exemplares de cada título se poderão disponibilizar para a leitura domiciliária porque não se espera que o grupo vá adquirir os livros ou o livro que vai ler. Quando se escolhe em conjunto as leituras a realizar o mediador tem acesso a um maior conhecimento do grupo e isso será útil para a motivação e condução das sessões. Por outro lado a escolha vai gerar tensões entre pessoas que ainda não desenvolveram cumplicidades e isso pode afastar os mais descontentes com as escolhas ou com as preferências e argumentos dos outros. Nesse caso cabe ao mediador conseguir que todos se sintam representados e ainda estabelecer pontes entre si e os participantes e promovê-las entre pares. A escolha prévia é por isso um caminho mais seguro. Todos sabem ao que vão e isso é importante para o compromisso que se estabelece quando se inscrevem.

Nota importante:

O mediador pode sugerir que os participantes tragam outras leituras que se relacionem com aquela que estão a fazer juntos. É uma forma de valorizar as opções e as experiências de cada um integrando-as no diálogo.

2. Menos frequentes são os clubes de leitura em que cada leitor partilha o que lê individualmente.

Neste caso o papel do mediador assenta em dinamizar sugestões e relacionar as leituras de cada um com outras possíveis. Cada participante partilha o que leu ou está a ler, o que o motivou na escolha, de que se trata e do que gosta ou não gosta. Neste modelo de funcionamento há muitas vezes um efeito de contágio e os participantes trocam livros entre si. Ao mediador cabe apresentar a sua leitura e entrar no ritmo de partilha e entusiasmo de sugestões entre pares. O diálogo centra-se mais na experiência das escolhas e das expectativas do que na reflexão subjectiva que acontece quando todos lêem o mesmo texto.

3. Há ainda uma outra possibilidade, a da leitura presencial.

Escolhendo um ou vários textos, à imagem do que acontece na leitura autónoma entre sessões, o grupo reúne, a leitura faz-se em voz alta por um ou vários elementos do grupo e em seguida discute-se o que foi lido. Esta metodologia funciona muito bem com o público infantil, com o público cujas competências e hábitos de leitura são incipientes ou medianos e ainda com grupos seniores. O risco de que os participantes não leiam e que não haja nada para dialogar cai por terra e o mediador tem cada encontro muito mais controlado. Também, inversamente, resulta com grupos competentes mas com hábitos de leitura congelados. Propor a leitura de *D. Quixote* ou *Ulisses* numa dinâmica deste tipo ajuda a que leitores curiosos mas que não se dispõem a ler em casa o possam fazer em conjunto, de forma disciplinada.

Resumindo:

O melhor formato é o que funciona com cada grupo e cada mediador. Se for caso disso, o clube pode mudar de estratégia. Porque uma não funciona ou até porque, ao longo do tempo o grupo dá mostras de querer ou precisar de mudar, por cansaço, alterações das dinâmicas entre pares ou ainda devido a mudanças de comportamento leitor.

O importante é que funcione, que as pessoas se envolvam e que se relacionem com o livro e a leitura.

Como selecionar leituras ?

Se conseguíssemos acertar em todas as leituras que selecionamos não havia insucesso nos clubes. Mas não é assim e não há como fugir desta constatação. Podemos tentar minorar os danos recorrendo a algumas estratégias. Mas nenhuma é infalível.

Para leitura colectiva (em casa entre sessões ou presencial)

1. O texto tem de permitir o questionamento. Tem de haver contextos, emoções, relações, conflitos que permitam ao mediador orientar a conversa, para que flua. Um policial em que as personagens não têm densidade, sem um contexto social ou familiar complexo, pode ser um fracasso. A menos que estejamos num clube de leitura sobre policiais e escrutinemos o género: previsibilidade, indução e inferência, verosimilhança, herói ou anti-herói, retórica, desenlace. Nunca se pode excluir um livro em absoluto mas pode e deve escolher-se pensando no público e, tanto ou mais, no mediador.
2. O mediador tem de se relacionar com o texto. Sem essa relação empática não conseguirá responder aos leitores, desafiando-os com episódios, contrapondo com acontecimentos ou destacando passagens. No entanto, é preciso que o mediador

refreie a partilha da sua interpretação e relação subjectiva com o livro sob pena de condicionar os juízos dos leitores. O à vontade e o gosto pelo texto funciona como desbloqueador e motivador para o diálogo.

3. O texto tem de dialogar com os leitores. Significa isto que o leitor pode gostar ou não mas não pode não perceber nada. Tem de haver pontes com as suas experiências pessoais, adquiridas ou mediadas por outros livros, filmes, jogos, etc. Se escolhermos ler um tratado de astrofísica todos conseguimos descodificar a maioria das palavras mas seguramente não vamos perceber o que estamos a ler. Já se lermos um livro informativo para o público não especializado, provavelmente não teremos dificuldades. O exemplo serve para percebermos que todos os leitores têm limites para a sua compreensão leitora e se não há num texto nada com que consigamos estabelecer pontes, desde memórias, sensações, divergências, referências ou opiniões não o conseguimos ler e muito menos discutir.
4. O texto não tem de ser apelativo. Não precisamos de escolher best-sellers para garantirmos o sucesso do clube. Podemos propor títulos mais difíceis porque os vamos explorar juntos. Não há nenhum inconveniente em termos leitores a queixarem-se de tédio, de momentos que não perceberam, de um estilo que não é o seu. Podemos facilmente explorar estas críticas a favor do debate: qual foi a parte mais entediante? Foi assim para toda a gente? E que palpita têm para a dita parte que alguém não percebeu? Acrescentando uma ou outra informação, ajudando através de perguntas orientadas, o grupo segue conversando e acaba por expandir este apontamento a outras partes do livro e a outros livros, eventualmente.

Para leitura individual:

1. Neste caso é importante que as reuniões ocorram num local com um bom conjunto de livros, nomeadamente numa biblioteca. Ir à estante é parte das sessões e nessa busca trocam-se ideias, fazem-se sugestões, recordam-se leituras

passadas. Para além dos livros que cada um traz para partilhar, o mediador deve estar munido de algumas sugestões, muitas vezes a pensar num ou dois leitores em concreto. Todos os livros que chegam à roda da mesa devem poder ser trocados para alimentar sempre o desejo de leitura de cada um. Se houver mais do que um leitor interessado no mesmo título faz-se uma escala. Como neste modelo a diversidade impera o mediador tem aqui oportunidade de apresentar livros ao grupo que são diferentes daqueles que mais frequentemente encontram, entre banda-desenhada, livro ilustrado, biografias, testemunhos, reportagem, ensaios, entrevistas... A proximidade física e a confiança no mediador faz com que os leitores possam ter curiosidade em experimentar algo desconhecido.

O papel do mediador

O papel do mediador é essencial para que o clube corra bem. Apesar de cada um dever ser fiel à sua personalidade, há um conjunto de características que o mediador tem de ter.

1. Gostar de pessoas e gostar de ler.

A ordem de importância é esta. De nada nos serve um bibliófilo que se entedie perante as opiniões dos leitores, ou não se entusiasme com os comentários inevitáveis que surgem sobre o risível da vida de cada um. Sem estar atento a essa relação permanente entre o livro, o mundo e o livro o mediador terá dificuldade em estabelecer empatia com o seu público e, quando for preciso recentrar os leitores no texto, a sua orientação soará forçada, como se estivesse a desvalorizar tudo que teria sido dito até ao momento. Gostar de ler e ter alguma experiência leitora também dá jeito. Em primeiro lugar porque legitima o papel do mediador perante o grupo e o mediador precisa dessa legitimação para ganhar a confiança dos participantes. Em segundo lugar porque só quem gosta de ler pode contagiar

os outros com o seu entusiasmo. Quando falamos de algo de que gostamos a nossa expressão facial e a nossa linguagem corporal evidencia-o, ainda que não nos apercebamos. Essa relação não verbal é muitas vezes tão ou mais importante que o discurso verbal no desenvolver de relações de proximidade e confiança.

2. Estar preparado para se expor.

O mediador é um modelo para o grupo. Tem de saber ser invisível quando a conversa flui e vir a terreno para desbloquear ou dirigir a troca de opiniões sempre que necessário. Uma das estratégias mais bem sucedidas consiste em partilhar a sua própria experiência leitora com bastante sinceridade. Deve ter bom senso para não exibir os grandes sucessos nem dramatizar os insucessos. Por outras palavras, não se vangloria por ter lido o Guerra e Paz aos 15 anos nem confessa que só lê romances cor de rosa. Cada leitor tem as suas características e é isso que o mediador tem de partilhar, tendo em conta a situação e o grupo mas sem nunca exagerar. Se isso acontece torna-se paternalista e perde a aceitação dos outros.

3. Saber lidar com a frustração e com o inesperado.

Quando o mediador prepara as sessões tem expectativas, imagina um sentido para o diálogo, prevê que os comentários a propósito desta atitude ou situação vão provocar reações... É muito frequente que tudo aconteça de outra forma. Pode começar por um comentário espontâneo de alguém logo no início que leve a respostas e novas questões, derivações sobre a vida e a certa altura o mediador não sabe muito bem o que fazer. Cabe-lhe aproveitar o balanço e tentar que o entusiasmo do grupo siga na direção que os satisfaz. Se nada do que foi dito era minimamente expectável por si, essa é uma forma tão boa como qualquer outra para não se perder: o mediador assume que nada daquilo lhe passara pela cabeça. Porque seria? Houve muita gente a pensar ou sentir o mesmo? E por aí fora. Um clube de leitura tem uma grande margem de imprevisibilidade e o mediador tem de aceitar que não vai conseguir controlar tudo.

4. O mediador tem de conhecer bem o texto.

Quanto maior domínio tiver do texto mais fácil é para o mediador adaptar-se à conversa. Uma ferramenta útil pode ser o registo, no seu livro, de passagens chave sobre os tópicos mais fortes da narrativa. Ainda uma súmula do que acontece em cada capítulo e notas breves que indiquem a progressão da ação ou detalhes significativos. Um livro bem marcado ajuda a recordar, a organizar o pensamento e a propor ideias.

5. O mediador deve conduzir as sessões a partir da subjetividade.

Um clube de leitura não é uma aula de literatura. O mais importante é que cada um crie laços com o que lê, que se interroge e que através da troca de ideias possa descobrir novas leituras, novos caminhos dentro e fora do livro. Nesse sentido, o mote passa por perguntar a todos do que gostaram mais, do que não gostaram, se alguma coisa lhes trouxe outra à memória, que sensações experimentaram... Todos têm essa experiência para partilhar e é isso que pode unir pessoas com biografias pessoais e leitoras tão diversas. O mediador é mais uma delas.

Texto de Andreia Brites

[PNL2027](#) | setembro de 2020